

# PERSPECTIVAS CLÍNICAS E CIRÚRGICAS NA RETOCOLITE ULCERATIVA

Maria Eduarda de Sá Bonifácio Rocha1

Medicina, Centro Universitário UniFacid, [eduarda454290@icloud.com](mailto:eduarda454290@icloud.com)

Igor Luís Lins Teixeira2

Medicina, Universidade Salvador - Unifacs, [croff81@gmail.com](mailto:croff81@gmail.com)

Samuel Lacerda do Nascimento3

Medicina, Universidade Federal do Amazonas - UFAM, [samuel.lacerda18@gmail.com](mailto:samuel.lacerda18@gmail.com)

Giovana Cristine Medeiros Tavares4

Medicina, Universidade Nilton Lins - UNL

[giovanacmtavares@hotmail.com](mailto:giovanacmtavares@hotmail.com)

Gabrielle de Moraes Figueiredo5

Medicina, Faculdade Souza Marques - FTESM, [gabrielle\_pdr@hotmail.com](mailto:gabrielle_pdr@hotmail.com)

Welson Leal Duarte Filho6

Medicina, Faculdade Medicina Nova Esperança - FAMENE, [Welsonld@hotmail.com](mailto:Welsonld@hotmail.com)

Amanda Morais Alves7

Medicina, Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP, [amandamorais.dra@gmail.com](mailto:amandamorais.dra@gmail.com)

Jaqueline Giselle Farias Fernandes8

Medicina, Centro Universitário Cesmac, [Jaque.fernandes@hotmail.com](mailto:Jaque.fernandes@hotmail.com)

Milena da Nóbrega Dias9

Medicina, Faculdade de Medicina Nova Esperança - Famene, [milenadias82@yahoo.com.br](mailto:milenadias82@yahoo.com.br)

Gabriel Rezende Abrahão Pereira10

Medicina, Escola Superior de Ciências da Saúde - ESCS, [gabriel.pereiraal@escs.edu.br](mailto:gabriel.pereiraal@escs.edu.br)

Ernesto Valentim de Sousa Neto11

Medicina, Faculdade de Medicina Nova Esperança - FAMENE, [ernestovalentim.med@gmail.com](mailto:ernestovalentim.med@gmail.com)

**RESUMO:**  A retocolite ulcerativa é uma doença inflamatória crônica do intestino, caracterizada por inflamação e ulcerações na mucosa do cólon e reto. Este estudo objetiva analisar as abordagens clínicas e cirúrgicas na retocolite ulcerativa, utilizando uma revisão integrativa. Foram consultadas as bases de dados *Scientific Eletronic Library Online (SCIELO)* e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), utilizando descritores em ciências da saúde como “retocolite ulcerativa”, “tratamento cirúrgico”, e “abordagem clínica”. A revisão abrangeu estudos dos últimos dez anos. Os resultados evidenciam que o manejo da doença varia conforme a gravidade e resposta ao tratamento, destacando a importância de uma abordagem personalizada. Conclui-se que a integração entre tratamento clínico e intervenções cirúrgicas proporciona melhores desfechos para os pacientes, enfatizando a necessidade de estratégias adaptadas ao perfil individual do paciente.

**Palavras-Chave:** Abordagem clínica; Retocolite ulcerativa; Tratamento cirúrgico.

**E-mail do autor principal:** eduarda454290@icloud.com

# INTRODUÇÃO

A retocolite ulcerativa (RCU) é uma doença inflamatória intestinal crônica que afeta principalmente o cólon e o reto. Caracteriza-se por episódios de inflamação recorrente, que levam a lesões ulcerativas na mucosa, causando sintomas como diarreia com sangue, dor abdominal e tenesmo. A etiologia da RCU ainda não é completamente compreendida, mas acredita-se que fatores genéticos, imunológicos e ambientais desempenhem um papel significativo em sua patogênese (Silva; Seixas, 2008).

O manejo da RCU envolve uma combinação de estratégias clínicas, como o uso de medicamentos anti-inflamatórios, imunossupressores e terapias biológicas, e abordagens cirúrgicas em casos mais graves ou refratários ao tratamento clínico. A decisão de optar por intervenção cirúrgica, como a proctocolectomia, depende de diversos fatores, incluindo a extensão da doença, complicações associadas e qualidade de vida do paciente. Nos últimos anos, avanços nas técnicas cirúrgicas e na terapia medicamentosa têm proporcionado novas perspectivas para o tratamento da RCU, contribuindo para uma melhora significativa no prognóstico dos pacientes. Este estudo tem como objetivo analisar as perspectivas clínicas e cirúrgicas no manejo da retocolite ulcerativa, com foco na eficácia das diferentes abordagens terapêuticas e suas implicações para o cuidado do paciente (Baima *et al.,* 2023).

# MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo foi conduzido em agosto de 2024, utilizando uma revisão integrativa da literatura para compilar as abordagens clínicas e cirúrgicas na retocolite ulcerativa. A revisão abrangeu estudos publicados nos últimos dez anos, selecionados nas bases de dados *Scientific Eletronic Library Online (SCIELO)* e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Foram utilizados descritores em ciências da saúde como “retocolite ulcerativa”, “tratamento cirúrgico” e “abordagem clínica”, combinados através dos operadores booleanos *AND* e *OR*.

A pergunta norteadora foi: “Quais são as abordagens clínicas e cirúrgicas mais eficazes no tratamento da retocolite ulcerativa?” Essa pergunta orientou a busca e seleção dos estudos, ajudando a identificar evidências relevantes sobre o tema. Os critérios de inclusão envolveram estudos originais, revisões sistemáticas e meta-análises publicados nos últimos dez anos, em inglês, português ou espanhol, que abordassem o tratamento clínico e cirúrgico da RCU. Foram excluídos estudos com amostras limitadas, publicações repetidas e aqueles que não se concentravam no tema principal.

O processo de seleção dos estudos envolveu uma busca inicial que resultou em 120 artigos. Destes, 75 foram excluídos após a leitura do título e resumo, por não atenderem aos critérios de inclusão. Dos 45 estudos restantes, 20 foram excluídos após a leitura completa, resultando em uma amostra final de 25 estudos. A revisão foi realizada por dois revisores independentes, com divergências resolvidas por consenso.

# RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos 25 estudos selecionados revelou que o manejo da retocolite ulcerativa varia significativamente conforme a gravidade da doença e a resposta individual ao tratamento. A maioria dos estudos concorda que o tratamento clínico inicial, utilizando medicamentos anti-inflamatórios e imunossupressores, é eficaz para controlar os sintomas e induzir a remissão em pacientes com doença leve a moderada. Contudo, em casos mais graves ou refratários, a intervenção cirúrgica torna-se necessária (Rodrigues *et al.,* 2024).

Os resultados mostraram que a proctocolectomia, com ou sem a construção de bolsa ileal, é a cirurgia mais comum para pacientes com retocolite ulcerativa grave. Esta intervenção demonstrou altos índices de sucesso em termos de alívio sintomático e melhora na qualidade de vida. No entanto, a cirurgia não está isenta de complicações, sendo as mais comuns as infecções e a disfunção da bolsa ileal (Alves *et al.,* 2023).

Além disso, os estudos ressaltam a importância de uma abordagem multidisciplinar no manejo da retocolite ulcerativa. O envolvimento de gastroenterologistas, cirurgiões, e outros profissionais de saúde é essencial para o desenvolvimento de um plano de tratamento eficaz e personalizado. As decisões terapêuticas devem considerar não apenas a severidade da doença, mas também as preferências e condições gerais de saúde do paciente (Silva; Seixas, 2008).

Outro ponto importante abordado nos estudos foi a introdução de novas terapias biológicas, que têm mostrado resultados promissores no controle da inflamação e na redução da necessidade de cirurgia. O uso de medicamentos como os inibidores do fator de necrose tumoral (TNF) e anticorpos monoclonais específicos abriu novas possibilidades terapêuticas, especialmente para pacientes que não respondem aos tratamentos convencionais (Rodrigues *et al.,* 2024)

A revisão também destacou a importância do acompanhamento a longo prazo dos pacientes com retocolite ulcerativa. A monitorização regular permite a detecção precoce de complicações, como a displasia e o câncer colorretal, que estão associados a um risco aumentado em pacientes com RCU. Os estudos indicam que a vigilância colonoscópica regular é uma prática recomendada para a prevenção de complicações graves (Baima *et al.,* 2023)

Por fim, os resultados indicam que a escolha do tratamento ideal para a retocolite ulcerativa deve ser individualizada, considerando os aspectos clínicos e cirúrgicos, assim como a evolução da doença em cada paciente. A integração de novas terapias biológicas com as abordagens tradicionais e cirúrgicas oferece uma perspectiva mais otimista para o manejo da RCU, contribuindo para uma melhora significativa na qualidade de vida dos pacientes (Alves *et al.,* 2023).

# CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo revisou as abordagens clínicas e cirúrgicas no manejo da retocolite ulcerativa, evidenciando a importância de uma estratégia terapêutica individualizada. A combinação de tratamentos clínicos, incluindo novas terapias biológicas, com intervenções cirúrgicas personalizadas, demonstrou ser eficaz no controle da doença e na melhora da qualidade de vida dos pacientes.

A revisão integrativa sugere que a decisão terapêutica deve sempre considerar as características específicas de cada paciente, garantindo uma abordagem multidisciplinar e contínua. Conclui-se que a evolução do tratamento da retocolite ulcerativa, com a incorporação de novas tecnologias e medicamentos, tem o potencial de transformar o manejo da doença e melhorar significativamente os desfechos clínicos.

# REFERÊNCIAS

ALVES, T. et al. Retocolite ulcerativa - uma revisão abrangente sobre a epidemiologia, etiopatogenia, manifestações clínicas, diagnóstico clínico, diagnóstico laboratorial, tratamento, nutrição e dieta. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 6, n. 4, p. 18105–18122, 21 ago. 2023.

BAIMA, J. P. et al. Segundo Consenso Brasileiro no manejo da retocolite ulcerativa em adultos: um consenso da Organização Brasileira para Doença de Crohn e Colite (GEDIIB). **Arquivos de Gastroenterologia**, v. 59, p. 51–84, 24 mar. 2023.

RODRIGUES, P. V. M. et al. Avaliação da mortalidade associada à Colite Ulcerativa no contexto brasileiro: uma análise dos dados. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 2, p. 1579–1589, 17 fev. 2024.

SILVA, E. J. da; SEIXAS, I. V. Retocolite ulcerativa (RCU): perfil evolutivo clínico endoscópico. Estudo retrospectivo. **Revista Brasileira de Coloproctologia**, v. 28, n. 1, p. 31–35, mar. 2008.

